

O LÉXICO COMO INDÍCIO DE ORALIDADE EM MANUSCRITOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII DAS MINAS GERAES¹

LEXICON AS AN EVIDENCE OF ORALITY IN MANUSCRIPTS FROM THE FIRST HALF OF 18TH CENTURY *MINAS GERAES*

Soélis Teixeira Prado Mendes

RESUMO: Não existe outra forma de pesquisar a língua pretérita que não seja por meio da escrita, sejam os textos literários ou não-literários. Mas qual o grau de representatividade da oralidade em documentos pretéritos? Esta é a questão que, de forma geral, conduziu a pesquisa realizada e cujos resultados serão apresentados neste artigo. Nosso objetivo é discutir (e mostrar) de que forma combinações lexicais restritas, extraídas de 14 processos-crime, escritos em Vila Rica e em Vila Real de Sabará, na primeira metade do século XVIII, período que marca a colonização das Minas *Geraes*, indiciam a presença de oralidade nesses documentos. Após o levantamento e análise de 42 combinações lexicais restritas e a respectiva busca em *corpora* coetâneos, constatou-se que nove delas, que não figuraram nos bancos de dados, podem ser consideradas como resquícios de oralidade.

PALAVRAS-CHAVE: Manuscritos. Combinações lexicais restritas. Oralidade.

ABSTRACT: There is no way to research old language other than by written sources, whether the texts are literary or not. However, what is the extent of orality traces in old documents? That question has mainly guided this work. Our main objective is to discuss and show how combinations of restricted lexical units evince orality in the studied documents. The data consist of 14 criminal procedures written in Vila Rica and Vila Real de Sabará during the first half of the 18th century. After collecting and analysing 42 combinations of restricted lexical units, and searching coeval corpora, nine of these combinations, which have not appeared in supporting databases, have been deemed remnants of orality.

KEYWORDS: Manuscripts. Combinations of restricted lexical units. Orality.

¹ Apoio FAPEMIG/CAPES

O LÉXICO COMO INDÍCIO DE ORALIDADE EM MANUSCRITOS DA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XVIII DAS MINAS GERAES

1 INTRODUÇÃO

A partir da transcrição e análise de 14 processos-crime, exarados em Vila Rica e em Vila Real de Sabará, no período de 1700 a 1750, o qual marca a colonização das Minas Gerais, pretende-se discutir, neste artigo, que combinações lexicais restritas, presentes nesse gênero, podem ser indícios de oralidade presentes em texto escrito. Na América Portuguesa, nesse período, a palavra dada pelas testemunhas deveria ser respeitada pelo escrivão, sob pena de sofrer sanções legais (ORDENAÇÕES E LEIS DO REINO DE PORTUGAL, 1833); a partir disso e de outros motivos que não poderão ser discutidos aqui, algumas questões se colocaram: (i) seria possível identificar no *corpus* itens lexicais como manifestação de oralidade? (ii) tendo em vista a relação contínua entre oralidade-escrita e os gêneros textuais, qual o efeito disso sob a manifestação de oralidade em língua escrita, considerando, inclusive, as determinações legais para tomada de depoimentos?

Como objetivos, dentre outros, estabelecemos: (i) comprovar que os processos-crime possuem uma dupla concepção discursiva: escrita e oral (MARCUSCHI, 2001a, 2001b); (ii) apresentar todos os tipos de combinações lexicais (SANROMÁN, 2000) presentes no *corpus*, dando ênfase apenas às restritas ou CLR, a fim de localizá-las em outros *corpora*, delineando-lhes o raio de uso (Cf. ÖSTERREICHER, 1996): na escrita e na oralidade, ou apenas na escrita, para, então, identificar aquelas que podem ser um indicativo de oralidade em manuscritos antigos.

2 REFERENCIAIS TEÓRICOS

2.1 ORALIDADE E ESCRITA: UMA RELAÇÃO DE CONTÍNUO

Na pesquisa e neste artigo, assumimos a concepção de *oralidade* de Marcuschi (2001a) como uma prática social interativa, utilizada para fins comunicativos, que se manifesta sob diferentes meios ou gêneros textuais fundados na realidade sonora, em contextos de uso dos informais aos mais formais. Já a fala e a escrita, aqui entendidas como modalidades de uso da língua, são assim definidas: a primeira, que se situa no plano da oralidade, refere-se a "uma forma de produção textual-discursiva" com finalidade comunicativa na modalidade oral, apenas fazendo uso do aparato disponível pelo próprio ser humano. Sua característica essencial é o uso da língua "na sua forma de sons sistematicamente articulados e significativos", além dos aspectos prosódicos e recursos expressivos, tais como a gestualidade, os movimentos do corpo e a mímica (MARCUSCHI, 2001a, p. 26). A *escrita*, que se situa no plano do letramento, refere-se a "um modo de produção textual-discursiva para fins comunicativos com certas especificidades materiais e se caracteriza por sua constituição gráfica", por meio do alfabeto, apesar de também envolver recursos de outra ordem (MARCUSCHI, 2001a, p. 26). Para concepção de letramento, assumimos a definição defendida por Soares (2003 a), segundo a qual se trata de práticas sociais ligadas à leitura e à escrita.

Quanto à relação oralidade-escrita, Marcuschi (2001a) propõe um modelo de análise do contínuo no qual oralidade e letramento são consideradas práticas sociais com características próprias, mas que não se referem a dois sistemas linguísticos diferentes. Marcuschi, (2001b) acredita que as diferenças entre fala e escrita se dão num contínuo tipológico das práticas sociais de produção textual, no qual existe um conjunto de variações em diferentes planos.

Entretanto, o autor propõe que esse contínuo não seja entendido como uma continuidade ou linearidade de características semelhantes ou diferentes de ambas as práticas sociais. Este deve ser visto como uma relação gradual em que uma série de elementos se interpenetram, "seja em termos de função social, potencial cognitivo, práticas comunicativas, contextos sociais, nível de organização, seleção de formas, estilos, estratégias de formulação, aspectos constitutivos, formas de manifestação e assim por diante." (2001b, p.35-36). Na análise desse contínuo gradual da oralidade-escrita, propõe o autor que sejam consideradas a relação de gêneros textuais, as modalidades linguísticas e práticas comunicativas no contexto dos eventos e no contexto das práticas de letramento socialmente situadas (MARCUSCHI, 2001b). Esta será, portanto, a postura que adotaremos para analisar as diferenças e semelhanças entre escrita-oralidade nos inquéritos, acrescida da análise do grau de letramento dos atores sociais envolvidos na produção dos processos, sobre a qual não será discutida aqui, em função do espaço.

2.2 COMBINAÇÕES LÉXICAS

Grande parte da teoria consultada está mais direcionada para elaboração de dicionários, o que foge à proposta da pesquisa. No entanto, há um trabalho que, embora também esteja voltado para questões lexicográficas, pareceu-nos mais adequado a nossa proposta. Sanromán (2000, p.180, grifo do autor) faz uma crítica às diferentes terminologias para classificar os mesmos fenômenos, segundo ele:

(...) não há acordo na hora de classificar este tipo de fenômenos, o que reflete numa multiplicidade terminológica que acentua ainda mais o problema. Assim, em autores e épocas diferentes, deparamos com termos como *frasema*, *colocação*, *solidariedade lexical*, *modismo*, *locução*, *frase feita*, *expressão idiomática*, *idiomatismo*, *expressão fixa*, *lexia complexa*, *unidade fraseológica*, *fraseologismo*, *sintagma*, *expressão ou construção fossilizada*, etc., que são utilizados para referir-se ao mesmo conceito ou a conceitos diferentes.

Este autor, baseado no modelo teórico de Mel'chuk² (*apud* SANROMÁN, 2000), assume o termo *combinações lexicais* para classificar estruturas do tipo “*aRando fogo*” e “*Restilhando com huma pistola*”. De acordo com esse modelo, existem dois tipos de combinações de unidades lexicais: as combinações livres e as combinações restritas. Essa forma livre está mais relacionada ao seguimento das regras da sintaxe de uma língua, as quais não nos interessam neste artigo. As combinações restritas se dividem em: **colocações (semifrasemas) e combinações fixas (frasemas ou expressões idiomáticas)**. Na colocação é possível que um dos lexemas que a constitui conserve seu sentido original, o que a torna diferente de uma combinação fixa, cujos constituintes perdem seu significado original. Neste artigo, também seguiremos esse raciocínio para diferenciarmos um tipo de estrutura da outra.

Segundo o modelo proposto por Mel'chuk (*apud* SANROMÁN, 2000), o qual adotamos, as combinações restritas se dividem em:

a) *frasemas pragmáticos* - possuem significado transparente, mas são fixados com relação a uma determinada situação: *bom dia*; *feliz natal*; *a sua saúde*, etc. (exemplos oferecidos pelo autor).

b) *frasemas semânticos* - são divididos em: *frasemas completos* (ou *expressões idiomáticas*), *semifrasemas* (ou *colocações*) e *quase-frasemas* (são *frasemas* que, além de conservarem os significados dos lexemas constituintes, acrescenta-se um novo sentido que não é o resultado da soma dos sentidos desses lexemas).

No que diz respeito à colocação, Sanromán alerta para a confusão que é feita entre a colocação (um tipo de combinação lexical restrita) e a combinação frequente de dois ou mais lexemas. É claro, adverte o autor, que uma colocação é também uma combinação frequente de lexemas, mas nem toda combinação frequente é uma colocação. Ele ainda lembra que existem combinações totalmente livres e que são formadas de acordo com as regras da sintaxe.

Apesar de o trabalho de Sanromán estar voltado para questões lexicográficas, lidar com dados de uma sincronia contemporânea da língua, ao contrário do nosso que lida com uma sincronia passada, e não mencionar, em nenhum momento, se a fonte de seus dados é língua oral ou escrita, achamos que sua proposta é a mais interessante para análise dos dados. Isso porque esse modelo parte do critério semântico, sem propor que sejam feitos testes de combinabilidade ou de inserção. Acrescente a isso o fato de o autor reconhecer que não é muito fácil distinguir entre combinações livres e as colocações, uma vez que “não existem compartimentos estanques, e muitas vezes a classificação vai depender da análise semântica que se faça de cada expressão.” (p.175), ou seja, dependerá da análise feita pelo pesquisador. Essa questão da distinção entre uma e outra, no momento da análise dos dados, deverá nos afetar de alguma forma, pois lidaremos com a semântica de uma língua que não “nos pertence”, ou que, pelo menos, não é de nosso uso cotidiano.

Para os estudiosos do léxico, uma combinação lexical restrita, em especial os *frasemas*, ou *expressões idiomáticas*, é algo formado previamente, e que os falantes “não vão criando suas próprias combinações ao falarem, apenas utilizam combinações já criadas e

² MEL'CHUCK, I.A. *Phraseemes in Language and Phraseology in Linguistics*. Everaert, 1995. p.167-232.

reproduzidas repetidamente no discurso, e que já foram sancionadas pelo uso” (CORPAS PASTOR, 1997, p.35). Para Zuluaga (1998, p.17), não existem fraseologismos ocasionais; isto é, segundo ele, é possível que unidades sofram uma alteração, mas essas alterações podem converter-se em verdadeiras UF's [unidades fraseológicas] somente depois que se fixam e se generalizam; quer dizer, depois que se institucionalizam; e, nesse caso, se convertem em variantes da UF original ou constituem uma mudança desta”. Para os objetivos da pesquisa, as combinações extraídas do *corpus* que fossem institucionalizadas e sancionadas pela escrita não foram de nosso interesse, o nosso foco são aquelas indicativas de um uso oral; pois acreditamos que, em algum momento na história da língua, combinações sejam criadas pelo falante em sua comunidade de fala.

O léxico de uma língua dinâmica é um sistema aberto e seu acervo se renova com constância (BIDERMAN, 2001). O *neologismo*, nome dado a essa renovação vocabular, ocorre nos níveis conceptual e formal. No primeiro caso, "trata-se de uma acepção nova que se incorpora ao campo semasiológico de um significante qualquer"; já no segundo, há a introdução no idioma de uma palavra nova, que pode ser um termo vernáculo ou um empréstimo estrangeiro (BIDERMAN, 2001, p.206). Também é possível, segundo a autora, que esse neologismo seja uma *lexia* complexa (nos termos da pesquisa aqui descrita, *combinação livre e/ou semifrasema e/ou quase-frasema*) ou uma expressão idiomática (aqui, *frasema*). Para Biderman, a gíria, entre as formações vernáculas, "é uma criação popular que nasce da busca de maior expressividade" e acrescenta:

É da essência da linguagem oral buscar o máximo de expressividade: assim os usuários da língua a consideram, com frequência, desgastada e descolorida, o que os leva a inventarem novos matizes metafóricos e metonímicos para palavras velhas, ou a inventarem novas formas que eles julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer. (2001, p.207)

Na pesquisa não tratamos de gíria, mas de combinações lexicais restritas (CLR), e mais especificamente daquelas que, caso não sejam encontradas no material pesquisado, possam ser vistas como sendo o resultado da invenção de um sentido novo para palavras velhas (seja para todos os constituintes dessa combinação ou para apenas um deles) que os falantes "julgam corresponder melhor àquilo que pretendem dizer." Acreditamos que tais combinações, caso existam, podem ter sido criadas/inventadas no momento em que o depoimento da testemunha estava sendo tomado; ou então que já eram de uso corrente na prática social interativa daquela comunidade, mas que ensejaram no registro dessas combinações nos manuscritos do século XVIII.

Embora não nos ocupemos de mudança em progresso, acreditamos ser possível comparar o surgimento de uma CLR com os mecanismos de mudança sonora propostos por Labov (1972). Assim como uma grande maioria das variantes inovadoras (LABOV, 1975), essas CLR manifestam-se na prática social interativa de algumas pessoas, depois se propagam e passam a ser adotadas por um grupo maior de falantes. Mas também é possível que a segunda parte desse processo seja abortada e não chegue ao fim. Essa comparação proposta vai ao encontro do que afirma Biderman (2001, p.212) acerca do caminho percorrido pelo neologismo até ser dicionarizado, ou seja, até ser oficialmente utilizado pela escrita:

O neologismo, uma vez criado, é lançado dentro da grande corrente vital de evolução da língua. Será incorporado a um campo semântico e começará a sofrer influxos dos seus vizinhos de significação. A combinação léxica no discurso e as conotações estilísticas também imprimirão a ele matizes novos, ampliando o seu halo de significação. Passará assim a fazer parte da semântica evolutiva da língua. Entretanto, nem sempre a vida de um neologismo é longa. Por vezes, é bem efêmera

como sói acontecer com as gírias. Ele se pode tornar duradouro quando dicionarizado. De fato, o dicionário como depositário físico do tesouro léxico abstrato da língua atua como arquivo fixador das lexias orais que poderiam morrer facilmente, senão fosse esse arquivo que as recolhe e preserva, às vezes, por séculos. O processo de dicionarização de um neologismo reflete a continuidade do seu uso no vocabulário geral. Ou seja, o vocábulo novo só é dicionarizado quando ele já foi aceito por toda a comunidade que fala aquela língua.

3 METODOLOGIA UTILIZADA

Num primeiro momento, foram levantadas todas as combinações de unidades lexicais, seguida, aquelas cujos significados, numa primeira leitura, não fossem iguais à soma dos significados de cada constituinte, foram desconsideradas. As restantes foram separadas em dois grupos: combinação lexical restrita e combinação livre. Em função dos limites deste artigo, porém, vamos nos concentrar apenas nas combinações lexicais restritas.

Em seguida, foram consultados bancos de textos diacrônicos coevos e não coevos ao nosso *corpus*. O primeiro banco é constituído de um conjunto de textos pertencentes ao *Projeto para uma História do Português Brasileiro* – equipe do Rio de Janeiro (PHPB-Rio), disponível no site: <http://www.letras.ufrj.br/phpb-rj/>. O *corpus* diacrônico desse banco é composto por transcrições fidedignas de impressos do século XIX e edições diplomático-interpretativas de manuscritos dos séculos XVIII e XIX. Para os objetivos desta pesquisa, apenas faremos uma consulta aos textos do século XVIII, num total de 74, que estão distribuídos nos seguintes gêneros textuais:

O outro banco de dados acessado foi o do PROHPOR-UFBA (Programa para a História da Língua Portuguesa da Universidade Federal da Bahia) que é composto por documentos oficiais, que fazem parte do projeto PHPPB (História do Português da Paraíba). Finalmente, o outro conjunto de textos faz parte do *Corpus Lexicográfico do Português*, projeto de investigação de textos antigos, em especial textos dicionarísticos, sediado na Universidade de Aveiro, Portugal, e disponibilizado através do endereço <http://clp.dlc.ua.pt/Corpus.aspx>.

As obras lexicográficas consultadas foram: o Dicionário de Raphael Bluteau, e o *Diccionario* de Moraes Silva que nos serviram como consulta para análise de itens lexicais extraídos de textos setecentistas, porque são "os primeiros grandes dicionários de língua portuguesa" (NUNES, 2006, p.183) e que foram produzidos no século XVIII, mesma época dos textos de nosso *corpus*.

O que subjaz a essa metodologia é o fato de que a localização de combinações em outros *corpora* é um indicativo de que essa estrutura já estava disseminada nas duas modalidades da língua: oralidade e escrita.

As combinações de unidades lexicais foram recategorizadas na medida em que foram consultados os bancos de textos e os dicionários. Ao final, se houver alguma combinação lexical extraída de nosso *corpus* e que não for localizada em todo o material pesquisado, isso será considerado um forte indício ou “denúncia” de rastros de uma prática social interativa nos dicionários a nas Minas na primeira metade do século XVIII

Para análise de dados de língua antiga, não adotaremos os critérios de classificação de combinações lexicais da língua contemporânea, com a aplicação de testes de inserção e de combinabilidade, porque os dados foram recolhidos de inquéritos produzidos, em sua maioria, por mãos e vozes portuguesas que ajudaram a formar o corpo social das Minas do século XVIII.

Dois fatos derivam disso: 1º) estamos lidando com uma sincronia passada da língua que, na evolução dos tempos, conforme se sabe, sofre ou não alterações nos níveis fonético,

morfofossintático, semântico e pragmático; 2º) é preciso considerar que o léxico é a testemunha de uma sociedade em seu tempo e em sua época (MATORE, 1953); e que o significado é, conforme se sabe, uma construção social. Assim, trocar ou inserir constituintes à estrutura analisada, conforme sugerem tais testes, seria lidar com dados criados por introspecção o que fugiria aos princípios da Linguística Histórica, aos quais nossa pesquisa está ligada. De acordo com esses princípios, o estudo da história de uma língua deve se basear em "dados reais de língua", que são, por definição, aqueles que se manifestam verdadeiramente nos *corpora* sob análise do pesquisador.

4 COMBINAÇÃO LEXICAL RESTRITA: TRATAMENTO DOS DADOS

Na pesquisa original, primeiramente foi feito um levantamento de todas as 42 combinações que, numa primeira leitura, pareciam possuir significados que não eram iguais à soma do significado de cada constituinte da combinação; logo depois, foi feita uma análise mais apurada das combinações, por meio da qual se procurou construir significados com base no contexto de uso de cada uma delas, para, efetivamente, separar as combinações livres das restritas. Entretanto, como o espaço deste artigo não nos permite esse mesmo procedimento, apenas apresentaremos aquelas combinações que, nessa primeira separação, foram consideradas combinações lexicais restritas (CLR), são elas:

1. *amarrou coa dor dooso* - atou com muita força e de forma violenta, causando dor profunda.
2. *andaõ pagados* - estavam pagos há algum tempo.
3. *andar (...) amigado* - viver ou estar amancebado.
4. *andava de Ryxa* - estava em disputa, em briga.
5. *andava paraCasar* - estava com a pretensão de se casar.
6. *andavão (...) aRufados* - estavam irritados.
7. *andouBrigando* - esteve discutindo com alguém.
8. *andar (...) as pedradas* - andar, caminhar arremessando pedra.
9. *aRando fogo* - [a arma que] não pegou fogo, não deu tiro.
10. *auzen[†].Jandoçe (...) fogetiva mente:* fugindo.
11. *Capadeamisade* - falsa amizade.
12. *dandolhe parte* - fornecendo informação a alguém.
13. *dar (...) bofetadas* - esbofetear.
14. *deitar atras de* - correr atrás de alguém.
15. *deixate es tar* - aguarda-te !(tipo de intimidação).
16. *dera (...) estocadas* - ferira alguém com o uso de espada.
17. *dera (...) asfacadas* - ferira alguém com o uso de faca.
18. *dera (...) asferidas* - ferira alguém.
19. *dera (...) pancadas* - espancar.
20. *dera com (+ instrumento) em-batera* com o uso de algum instrumento : facão, faca, mão ou pau.
21. *dera (...) em* - batera em alguém.
22. *dera (...) porretadas* - batera com um porrete em alguém.
23. *dera (...) Relhadas* - batera com o relho.
24. *descompusera de palavras* - maltratara, ofendera alguém com duras palavras.
25. *deu Sepultura* - sepultou; enterrou.
26. *estaõ naocaziaõ dosoçego* - eram altas horas da noite.
27. *estarpegado em* - estar atracado com alguém.
28. *fazer o exesso* - cometer ou praticar algum crime.
29. *fazia Recanto* - fazia curva.

30. *hindo (...)* *emcompanhia* - acompanhar alguém numa viagem.
31. *impenhar (...)* *asbarbas* - tomar as barbas como garantia de pagamento.
32. *metermaõaespada* - puxar a espada.
33. *não tinha barbas parapagar* - não tinha honra ou barbas para pagar o que devia.
34. *niqueito no pecadodo Sexto* - adúltero.
35. *oque estava feito já não avia Remedio* – fato consumado para o qual não havia solução.
36. *Rebantava de paixão* - matava de repente e com rancor.
37. *Restilhando comhuapistolla* - atirando, dando um tiro com uma pistola.
38. *Sahira(...)* *aoCaminho* - surgira ou aparecera alguém.
39. *terez ehaveres* - posses, propriedades.
40. *tivera (...)* *humas resoeis* - tivera uma discussão, atrito ou conflito com alguém.
41. *tratava deshonestamente Com* - tinha relacionamento imoral com alguém.
42. *virou atras (de)* - foi atrás de alguém

Conforme se vê, a maioria das combinações foi, nessa primeira distinção, classificada como restrita; mas depois da consulta aos bancos de textos e às obras lexicográficas, essa lista sofreu nova alteração, como será visto a seguir.

Consulta aos bancos de textos e às obras lexicográficas

Apenas para lembrar, das 43 combinações levantadas, numa primeira análise, apenas uma foi recategorizada como combinação lexical livre, sendo, então, descartada, restando, 42 combinações lexicais cujos significados foram construídos a partir do contexto em que se manifestaram. O procedimento seguinte a essa construção de sentido foi procurar em 124 gêneros textuais diferentes, dentre os quais as obras lexicográficas, as combinações extraídas do *corpus* da pesquisa, além de verificar se o significado que lhes atribuímos era localizado nesses *corpora*. Era necessária essa localização, porque, como lidamos com textos de uma sincronia passada, era possível que atribuíssemos um sentido que não fosse adequado às estruturas, e isso invalidaria a classificação das combinações em restritas e/ou livres. Não obstante, sabemos que nossa competência como falantes e leitores da língua portuguesa contemporânea não foi totalmente neutralizada durante a construção dos significados das combinações, apesar de todo o cuidado que procuramos ter.

Uma vez localizada a estrutura e feita a devida análise, as classificações das combinações foram sendo alteradas até que, finalmente, as 42 estruturas, que, até então, classificávamos como CLR, foram recategorizadas e chegamos a 19 combinações livres, que foram descartadas, e 23 combinações restritas. Dessas 23 CLR, 13 foram localizadas nesses *corpora*:

- 1 *Capadeamisade* – falsa amizade
- 2 *dar bofetadas* - esbofetear.
- 3 *dei xate estar* - aguarda-te! (tipo de intimidação).
- 4 *dera em* - batera em alguém.
- 5 *dera com (+ instrumento) em* - batera com o uso de algum instrumento: facão, faca, mão ou pau.
6. *dera (...)* *pancadas* - espancar .
7. *dera porretadas* - bater com um porrete em alguém.

8. *deu Sepultura* - sepultou; enterrou.
9. *fazer o exesso* - cometer ou praticar algum crime.
10. *metermaõaespada* - puxar a espada.
11. *naõ avia Remedio* - não havia solução.

12. *ocaziaõ dosoçego* – Altas horas da noite.

13. *Sahira aoCaminho* - encontrar com alguém no caminho.

A localização dessas 13 CLR nesses conjuntos de textos nos levou a propor que a ocorrência delas é uma forte evidência de que possuíam um raio de uso muito abrangente, por pertencer à memória coletiva dos falantes/testemunhas e por já serem institucionalizadas pela escrita.

As demais, que não foram localizadas, são as que mais interessaram à pesquisa, exceto pela combinação *não tinha barbas parapagar* que possui uma classificação ambígua: livre e restrita, e por isso não foi considerada, restando, então:

1. *amarrou coa dor dooso* - atou com muita força e de forma violenta, causando dor profunda.
2. *aRando fogo* - [a arma que] não pegou fogo, não deu tiro.
3. *deitar atras de* - correr atrás de alguém.
4. *dera (...) Relhadas* - batera com o relho.
5. *estarpegado em* - estar atracado com alguém.
6. *niqueito no pecadodo Sexto* - adúltero.
7. *Restilhando comhuapistolla* - atirando, dando um tiro com uma pistola.
8. *virou atras della* - foi atrás de alguém.
9. *Rebantava de paixaõ* - matava de repente e com rancor

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe outra forma de pesquisar a língua pretérita que não seja por meio da escrita, sejam os textos literários ou não-literários. Mas qual o grau de representatividade da oralidade presente em documentos pretéritos? Essa foi a pergunta que, de alguma forma, ensejou a pesquisa cujos resultados foram, parcialmente, apresentados neste artigo. Nosso propósito era verificar de que forma o léxico, por meio de combinações lexicais restritas, poderiam indiciar resquícios de uma prática social interativa, ou oralidade, manifesta nas Minas *Geraes* setecentistas.

Acreditamos que essas 9 CLR que não figuram nos *corpora*, nos quais procedemos as buscas, representam a criatividade ou o máximo de expressividade, que é da essência da linguagem oral, conforme postula Biderman (2001). Em cada uma delas, observamos um novo matiz para um dos constituintes que o falante julgava ser uma palavra velha. Conforme constatamos, o fato de as 13 CLR figurarem nos *corpora* de diferentes gêneros textuais de variadas épocas e lugares, em especial nas obras de Bluteau e de Moraes Silva, é uma evidência de que elas eram de uso mais generalizado no português antigo, seja na escrita, seja na oralidade. Esse dado reforça a nossa hipótese de que essas 9 CLR ou possuíam um raio de emprego e uso (ÖSTERREICHER, 1996) mais reduzido em relação a essas outras combinações, estando mais circunscritas à oralidade e ainda não haviam sido registradas pela escrita, ou são formas inovadoras que foram criadas no momento do depoimento.

Poder-se-ia argumentar, no entanto, que a ausência dessas 9 CLR seria uma lacuna dos *corpora* consultados, seja em função da quantidade ou do gênero selecionado; mas essa é uma questão que sempre perseguirá o diacronista: o *corpus* nunca será suficiente para dar conta da língua (aliás, também o será para a análise sincrônica contemporânea?). Por isso acreditamos que essas 9 combinações lexicais restritas são rastros ou indícios de uma prática social interativa na incipiente sociedade mineira:

No plano do vocabulário, onde é mais direto o impacto da cultura e da civilização, e onde a mudança se opera com maior agilidade, embora também com maior transitoriedade, podem ser mais facilmente rastreados os passos da infiltração da língua oral. (PINTO, 1992, p. 21)

REFERÊNCIAS

BIDERMAN, M.T.C. *Teoria Lingüística: leitura e crítica*. SP: Martins Fontes, 2001.

BLUTEAU, R. *Vocabulário Portuguez e latino*. Lisboa: colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. Versão em CDROM.

CORPAS PASTOR, G. *Manual de fraseologia espanõla*. Madrid : Gredos, 1997.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1975.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. SP: Cortez, 2001a.

_____. Letramento e oralidade no contexto das práticas sociais e eventos comunicativos. In: SIGNORINI, I. et al. (orgs.) *Investigando a relação oral/escrito*. SP: Mercado de Letras, 2001 b. p. 23-50.

MATORÉ, G. Le mot et la société : le stade sociologique. In: _____ *La méthode en lexicologie: domaine français*. Paris: Didier. p. 37-46, 1953.

MICHAELIS. *Moderna Dicionário da Língua Portuguesa*. SP: Melhoramentos, 1998.

MORITO, A.; LOPES, C. VIANNA, J. (Org.). Peças Populares Portuguesas 1783-1877. Rio de Janeiro, UFJR-PIBIC/CNPq. *Labor-Histórico-2002-2003* (versão eletrônica). Disponível em < <http://www.letras.ufrj/laborhistorico/> > acesso em: 05/07/08.

MORAES SILVA, A. de. *Diccionario de Lingua Portuguesa*. FREIRE, L. Fac símile da segunda edição de 1813. RJ: Officina da S.A. Litho-typographia Fluminense, 1922.

NUNES, J. H. *Dicionários no Brasil - análise e história do século XVI ao XIX*. SP: Pontes/Faperp/Fapesp, 2006.

ORDENAÇÕES E LEIS DO REINO DE PORTUGAL, Tomo I, 10^a.ed., Coimbra, Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1833.

_____. Tomo II, 10^a.ed., Coimbra, Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1833.

_____. Tomo III, 10^a.ed., Coimbra, Real Imprensa da Universidade de Coimbra, 1833.

ÖSTERREICHER, W. Lo hablado em lo escrito. Reflexiones metodológicas y aproximación a una tipología. In: KOTSCHI, T. ÖSTERREICHER, W. & ZIMMERMANN, K. (org.) *El español hablado y la cultura oral en España en Hispanoamérica*. Vervuert: Iberoamerican, 1996.

PINTO, E. P. *A língua escrita no Brasil*. 2.ed. SP: Ática, p. 2, 1992.

SANROMÁN, A.I. *A unidade lexicográfica: palavra, colocações, frasemas, pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos. Universidade do Minho, Tese de doutorado. 393f., 2000.

SOARES, M. *Alfabetização e letramento*. SP: Contexto, 2003a.

_____. *Letramento um tema em três gêneros*. BH: Autêntica, 2003b.

ZULUAGA OSPINA, A. Sobre fraseologismos e fenómenos colindantes. In: RUIBAL, X.F. (COORD). *Actas do I Colóquio Galego de Fraseoloxia*. Centro Ramón Pinheiro para a Investigación em Humanidades, Xunta de Galicia, Santiago de Compostela, p. 15-30, 1998.

Recebido em: 07 de fevereiro de 2016.

Aceito em: 06 de março de 2017.